



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
**ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA



## PROCESSO SELETIVO PARA INGRESSO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM /PPGEL - ANO DE 2024

### PROVA ESCRITA

**Linha de pesquisa: ESTUDOS LITERÁRIOS**

**CPF:** \_\_\_\_\_

#### ORIENTAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DA PROVA ESCRITA

1. A prova deve ser respondida a caneta (azul ou preta).
2. A prova é individual e sem consulta a qualquer tipo de material.
3. É vedada toda e qualquer forma de diálogo entre os/as candidatos/as.
4. A/O candidata/o **não deve identificar-se na prova por meio do nome ou assinatura.**
5. A/O candidata/o deve **anotar o número de seu CPF em todas as folhas de resposta.**
6. A/O candidata/o deve responder a todas as questões.
7. A avaliação da prova escrita exigirá que a/o candidata/o demonstre: a) capacidade analítica; b) capacidade de síntese; c) coerência e coesão textual; d) consistência teórica; e e) posicionamento crítico (Conforme exposto no Edital de seleção).

#### VAGAS PARA CANDIDATAS/OS COTISTAS

Antes de realizar a prova, marque no campo abaixo se você está inscrita/o para concorrer às vagas reservadas para candidatas/os cotistas e identifique a que cota você está concorrendo:

( ) Sim . Qual? \_\_\_\_\_

( ) Não

#### QUESTÃO 1 (valor 5,0 pontos)

1) Considerando as citações abaixo, desenvolva uma discussão teórico-crítica tendo como foco principal a presença do “elemento Leitor” no processo interpretativo e constitutivo da obra literária.

a) “Na realidade, o primado do leitor levanta tantos problemas quanto, anteriormente, o do autor e o do texto, e o leva à sua perda. Parece impossível à teoria preservar o equilíbrio entre os elementos da literatura. Como se a prova da prática não fosse mais necessária, a radicalização teórica parece muitas vezes uma fuga para frente, para evitar as dificuldades, que — Fish lembrava — não devem sua existência senão à “comunidade interpretativa” que as faz surgir. Por isso a teoria leva às vezes a pensar na gnose, numa ciência suprema, desprovida de todo objeto empírico. Uma vez mais, entre as duas teses extremas que têm a seu favor uma certa consistência teórica, mas que são claramente exacerbadas e insustentáveis — a autoridade do autor e do texto permite

instituir um discurso objetivo (positivista ou formal) sobre a literatura, e a autoridade do leitor, instituir um discurso subjetivo — , todas as posições medianas parecem frágeis e difíceis de serem defendidas. É sempre mais fácil argumentar a favor de doutrinas desmedidas e, afinal de contas, não deixamos de nos confrontar com a alternativa de Lanson e de Proust. Mas, na prática, vivemos (e lemos) no espaço existente entre os dois. A experiência da leitura, como toda experiência humana, é fatalmente uma experiência dual, ambígua, dividida: entre compreender e amar, entre a filologia e a alegoria, entre a liberdade e a imposição, entre a atenção ao outro e a preocupação consigo mesmo. A situação mediana repugna aos verdadeiros teóricos da literatura. Mas, como dizia Montaigne, na “Apologia de Raymond Sebond”: “É uma grande temeridade perder-vos vós mesmos para perder um outro.” (COMPAGNON, 2001, p.164 / Capítulo 4: O leitor)

b) “A desconstrução também se dirige a outras questões levantadas por histórias de leituras, tais como a relação entre a curiosa estrutura dividida da “experiência” e o valor de presença envolvido em apelos à experiência: o que está em jogo na afirmação de que sentido é o que quer que esteja presente na experiência do leitor ou na noção de que o fim da leitura é tornar o *self* da leitura presente para si mesmo? Ou por que, para abordar mais uma questão, encontramos uma oscilação entre o monismo da teoria e o dualismo da narrativa, onde oposições que se desfazem sob escrutínio teórico se reafirmam em relatos de nossa experiência? Que tipo de sistema evita a descoberta de uma síntese não contraditória? Tomadas em conjunto, essas histórias de leitura obscurecem a situação paradoxal em que a desconstrução opera. [...] A desconstrução explora a situação problemática a que as histórias de leituras nos conduziram. Se pode ser vista como a culminação de recentes trabalhos sobre leituras, é porque projetos que começaram tendo algo completamente diferente em mente deparam-se com questões que a desconstrução aborda. (CULLER, 1997, p.98 / Capítulo 1: Leitores e leituras)

## **QUESTÃO 2 (valor 5,0 pontos)**

No livro *Ensinando literatura – a sala de aula como acontecimento*, indicado para este processo seletivo, os autores reiteram, no capítulo 4, o que vinham afirmando ao longo do volume: “se não há metodologias de entrada no literário que sirvam para todas as ocasiões, se cada obra faz exigências próprias que desmontam arquiteturas prévias pretensamente definitivas, se a aula é uma forma que abriga o imprevisto, [...] então o caráter processual é sempre uma demanda específica dos artefatos em uma situação particular de sala de aula, o que torna a sistematização reprodutível uma fórmula indesejável” (CECHINEL, DURÃO, 2022, p.95).

Com esse alerta para que o capítulo 4 não seja tomado como fórmula a ser repetida, os autores, na sequência, analisam o poema ‘A cavalgada’, de Raimundo Correia.

Reproduzimos o poema a seguir, para que você apresente uma análise desse texto (as considerações de Cechinel e Durão podem ou não ser utilizadas na formulação da sua resposta).

A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...

Silêncio!... mas além, confuso e brando,

O som longínquo vem-se aproximando  
Do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;  
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando,  
E as trompas a soar vão agitando  
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...  
Da cavalgada o estrépito que aumenta  
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce,  
E límpida, sem mácula, alvacenta  
A lua a estrada solitária banha... (Sinfonias, 1883)